

ENTRE EFEITOS DE IDENTIDADE E VALORES DE EXCLUSÃO: A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* EM TEXTOS DESINFORMATIVOS

LEONARDO CHAVES FERREIRA*

Universidade Federal do Ceará (UFC), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, CE, Brasil.

PAULO RICARDO SOUSA DE OLIVEIRA**

Universidade Federal do Ceará (UFC), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, CE, Brasil.

Recebido em: 19 set. 2025. Aceito em: 15 out. 2025.

Como citar este artigo: FERREIRA, L. C.; OLIVEIRA, P. R. S. de. Entre efeitos de identidade e valores de exclusão: a construção do *ethos* em textos desinformativos. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 3, p. 41-58, set./dez. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n3p41-58

Resumo

Este artigo se propôs a descrever, a partir da semiótica discursiva, como o *ethos* do enunciador (Fiorin, 2004, 2008; Discini, 2003) é construído em textos de

* E-mail: leonardochavesferreira@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0001-7647-4622>

** E-mail: oliveira.professorp@gmail.com
 <https://orcid.org/0009-0004-3697-9123>

desinformação. Investigou-se também de que modo essa construção é subordinada à intencionalidade discursiva (Greimas; Courtés, 2016) que visa promover a adesão do enunciatário aos valores comunicados. Foram analisadas cinco peças desinformativas, verificadas pela agência “Aos Fatos”. A partir dessa investigação, o estudo argumenta que o projeto de persuasão dos textos analisados não se sustenta somente na falsidade das informações, mas, sobretudo, na manipulação discursiva operada na esfera da enunciação, por meio da identificação do enunciatário com o *ethos* excludente construído pelo enunciador.

Palavras-chave

Semiótica. Desinformação. *Ethos*.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar, sob a perspectiva da semiótica greimasiana, como o *ethos* do enunciador (Fiorin, 2004, 2008; Discini, 2003) é construído em textos de desinformação e de que modo essa construção é subordinada à “intencionalidade discursiva” (Greimas; Courtés, 2016, p. 237)¹ que visa promover a adesão do enunciatário aos valores comunicados. O *corpus* de análise será composto por peças verificadas pela agência de checagem “Aos Fatos”, especificamente aquelas classificadas como “discurso de ódio”.

Para a semiótica, a imagem do enunciador é criada no e pelo discurso, sendo explicitada na enunciação enunciada a partir das marcas deixadas no enunciado com vistas à adesão do enunciatário e sua identificação (Fiorin, 2004). Nessa perspectiva teórica, o cerne de nossa investigação reside nas seguintes questões: (1) Que tipo de *ethos* emerge do enunciador desses textos? (2) Quais mecanismos discursivos permitem a adesão do enunciatário a esse *ethos* construído? E (3) de que maneira o *ethos* no texto desinformativo produz efeitos de identidade?

¹ Em semiótica, a noção de intencionalidade não se confunde com a intenção consciente de um autor. Com base em Greimas e Courtés (2016), vemos que a disciplina não se compromete com a busca por um ato psicológico de criação, mas sim com a descrição dos efeitos de sentido imanentes ao texto. É a partir da análise interna do discurso que o semiótico pode postular a sua finalidade, ou seja, os objetivos que o próprio texto constrói e manifesta enquanto efeitos se sentido oriundos da significação textual.

Acreditamos que as respostas a essas perguntas abrem espaço para entendermos as nuances discursivas que envolvem a desinformação.

Enquanto um fenômeno contemporâneo e emergente, como explica Gomes e Dourado (2019), a produção e disseminação da desinformação com fins políticos comprehende fenômenos coextensivos à própria política. Nessa perspectiva, é plausível imaginar que boa parte da energia despendida na comunicação política em ambiente competitivo sempre envolveu a invenção de histórias e a disseminação de boatos, pelos mais diferentes meios e com os mais variados propósitos imediatos. Dessa forma, atualmente, veem-se desinformações que circulam a fim de criar ou destruir imagens públicas não somente de atores políticos (como o presidente Lula ou o ex-presidente Bolsonaro), mas também de atores sociais (como a comunidade LGBTQIAPN+, feministas, indígenas, comunistas etc.). Nesse caso, produzir medo na população e induzir comportamentos e atitudes dos interessados nas disputas políticas envolve uma ameaça clara à democracia e aos direitos das minorias.

Em um estado democrático ideal, é crucial que os cidadãos tenham acesso às informações confiáveis para formar opiniões e tomar decisões. No entanto, como nos explica Demuru (2024), quando a desinformação se propaga, ela distorce a realidade e corrompe o debate público. Em um embate de natureza discursiva, entre diferentes discursos e posições, a desinformação é usada para criar divisões e promover o ódio, sobretudo, contra grupos minoritários. Cria-se, então, um espaço em que não apenas se desumanizam e silenciam essas minorias, mas também as tornam alvos fáceis para ataques. O resultado é o aumento da polarização, a erosão do respeito e da tolerância, e o enfraquecimento da participação política de grupos que já são marginalizados.

Nesse sentido, a análise semiótica do *ethos* construído nas peças desinformativas oferece um caminho promissor para compreender como a desinformação consegue mobilizar diferentes sujeitos. Ao construir um *ethos* baseado em uma identidade intolerante e preconceituosa, esses textos articulam uma forma de comunicação que não se baseia apenas na falsidade da informação, mas também na manipulação discursiva que subjaz a polarização política e a exclusão de minorias, por meio da construção (programação) de um enunciatório excludente (intolerante).

Tendo em vista as referidas questões, primeiramente discutiremos o *ethos* em perspectiva semiótica, recorrendo aos trabalhos de Fiorin (2004, 2008) e Discini (2003), além de aplicações analíticas desses estudos com base em

Machado (2022). Logo depois, voltaremos a nossa atenção para a elucidação da enunciação (ou do tratamento da enunciação) dentro do arcabouço teórico da Semiótica Discursiva. Essa discussão faz-se necessária, uma vez que pautamos nossa análise, principalmente (mas não somente), a partir do nível discursivo. Isso se deve ao fato de que nesse nível é possível depreender o diálogo entre enunciador e enunciatário, identificados respectivamente na produção e interpretação do discurso, tão importante na construção discursiva do *ethos*.

Por fim, à luz do referido embasamento teórico, analisaremos cinco peças desinformativas a fim de destacar a construção do *ethos* do enunciador como uma estratégia relevante para a assunção do enunciatário aos valores propostos pelo discurso, ou seja, para uma eficaz manipulação discursiva.

O *ETHOS* DO ENUNCIADOR PELA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA DISCURSIVA

Para apresentar a noção de *ethos* que pretendemos analisar nos textos selecionados, é preciso, primeiro, apresentar a qual pensamento teórico estamos nos alinhando e, em seguida, mostrar quais passos analíticos devemos seguir. Tendo em vista, portanto, o aparato teórico da semiótica discursiva, recorreremos aos trabalhos de Fiorin (2004, 2008) e Discini (2003), renomados semióticos brasileiros, além de aplicações analíticas desse entendimento com base em Machado (2022), para discutir a noção de *ethos*.

A noção de *ethos* aqui utilizada foi retomada de Aristóteles e sua retórica (1991) na perspectiva da semiótica discursiva, como resume Barros (2007, p. 149):

o *ethos* se explica nos textos a partir das marcas da enunciação deixadas no enunciado; o *ethos* do enunciador é a sua imagem construída nos textos como um ator da enunciação e não como um actante da enunciação ou como um autor de carne e osso.

Dessa forma, cabe destacar que o *ethos* envolve a imagem de um enunciador, pois este não corresponde a um autor físico e real, mas a um “eu” implícito na enunciação definido pela totalidade dos seus discursos, sincretizando-se em um ator da enunciação. Nesse sentido, o “eu” implícito na enunciação não corresponde a um sujeito empírico ou a um narrador do texto, mas a uma entidade pressuposta definida pela totalidade dos discursos que produz.

Disso decorre a compreensão do *ethos* a ser construído no discurso e pelo discurso. É o que destaca Machado (2022), quando diz que a noção de *ethos* comprehende a imagem do enunciador construída inteiramente no discurso, uma vez que ela é moldada pela intertextualidade e interdiscursividade. Desse modo, a forma como o sujeito se apresenta é resultado de tudo aquilo que já foi dito sobre ele, criando uma imagem prévia estereotipada que já é, por si só, discursiva. Assim, conforme vemos em Fiorin (2008), o *ethos* não se define antes do discurso, mas sim nele e por ele.

Uma vez que a noção de *ethos* comprehende uma imagem implícita de um ator da enunciação a ser verificado pelas marcas deixadas no enunciado, o *ethos* será explicitado na enunciação enunciada. Dessa forma, o *ethos* é aprendido a partir de um sujeito discursivamente construído e não uma subjetividade que produz o enunciado.

Fiorin (2004) destaca que o *ethos* não se constitui no enunciado, mas na enunciação a partir de um modo recorrente de dizer, de uma totalidade em que se encontram recorrências, como na “escolha do assunto, na construção de personagens, nos gêneros escolhidos, no nível de linguagem usado, na figurativização, nas escolhas dos temas, nas isotopias etc.” (Fiorin, 2004, p. 71). Será, portanto, nessas recorrências que depreendemos as características tanto do plano da expressão como do plano do conteúdo que remeterão a um estilo, a uma imagem a ser construída no discurso e pelo discurso, um *ethos* que, no fim, representa um modo de ser no mundo e singulariza em si um efeito de identidade, conforme Machado (2022) nos traz.

Cabe destacar ainda que o *ethos* comprehende uma construção que leva em consideração causar uma impressão eufórica no enunciatário, funcionando como um instrumento poderoso para o exercício persuasivo do destinador, já que visa a adesão do destinatário ao contrato proposto por via de uma manipulação. Nesse tocante, Fiorin (2004, p. 23) pontua que o enunciatário “não é um ser passivo, que apenas recebe as informações produzidas pelo enunciador, mas é um produtor do discurso, que constrói, interpreta, avalia, compartilha ou rejeita significações”. No discurso, o enunciador (o eu implícito) necessariamente institui seu enunciatário (o tu implícito), e ambos constituem o sujeito da enunciação. No entanto, esse enunciatário não é um mero destinatário passivo ou um receptor indiferente na comunicação. Pelo contrário, seu papel é o de coenunciador, uma vez que, de acordo com Greimas e Courtés (2016, p. 170), ele é “um sujeito produtor do discurso, por ser a ‘leitura’ um ato de linguagem

(um ato de significar) da mesma maneira que a produção do discurso propriamente dito”.

Essas considerações sobre a função do enunciatário na construção de um *ethos* envolve, como destaca Discini (2003, p. 144), uma dimensão interativa e reflexiva. A primeira reside no fato de que essa imagem-fim é um simulacro hétero-construído, ou seja, ela pressupõe tanto a visão que o enunciador tem do enunciatário quanto a visão que o enunciatário tem do enunciador. A dimensão reflexiva, por sua vez, baseia-se na imagem que o enunciador constrói de si mesmo e com a qual se identifica, fortalecendo um efeito de identidade.

Ao analisar as peças de desinformação selecionadas, percebemos que o enunciatário não é persuadido pelo discurso de uma *fake news* apenas por compartilhar das ideias que ela veicula. A questão é mais complexa, e, como apontado por Fiorin (2004, p. 27), o enunciatário também se identifica com “um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom”. Portanto, o discurso não se resume a um conteúdo, mas é também um modo de dizer que constrói os sujeitos da enunciação. Nesse contexto, para que um discurso de ódio, preconceituoso e intolerante se torne persuasivo e amplamente compartilhado, não estão em jogo somente as ideias nele expressas: segundo Fiorin (2004), a eficácia de um discurso está na incorporação do *ethos* do enunciador pelo enunciatário. O que ocorre é que o enunciatário incorpora a figura de uma instância subjetiva odiosa, preconceituosa e intolerante, tornando-se a fiadora desse discurso.

Com essa última discussão, fica mais apreensível a noção de *ethos* como um produtor de efeitos de sentido de individualidade ou de identidade. Para Discini (2003), a análise do *ethos* deve ser desenvolvida nas relações estabelecidas entre identidade e alteridade. Assim, com a repetição de seu modo de dizer, o ator da enunciação de um conjunto de discursos deixa marcas tanto na expressão quanto no conteúdo. Tais marcas projetam uma imagem-fim, um simulacro de identidade que é onipresente e recorrente em todos os seus enunciados. Como nos explica Machado (2022), é nessa relação dialógica entre o “eu” e o “outro” que o ator da enunciação constrói sua imagem, isto é, o simulacro de si construído para si mesmo e para o outro com o objetivo de manipular o enunciatário.

Assim, tendo em vista o arcabouço teórico da semiótica discursiva, podemos entender o *ethos* como a imagem do enunciador construída no discurso e pelo discurso. Essa imagem do enunciador, que não se confunde com o sujeito

empírico, manifesta-se por meio de marcas recorrentes no discurso, englobando um caráter, um corpo e um tom. Dessa forma, vemos que *ethos* se constrói por modo reiterado de dizer, um simulacro identitário onipresente, persuadindo a partir da identificação do enunciatário com esse *ethos*, em um processo interativo e reflexivo.

Entendendo, portanto, que o *ethos* não se explicita no enunciado, mas na enunciação, cabe destacar como a teoria semiótica entende essa instância lingüística, a fim de orientar melhor nosso exercício analítico. Por isso, na subseção seguinte trataremos, brevemente, da enunciação e do modo como o nível discursivo do percurso gerativo do sentido permite a análise das marcas da enunciação no enunciado.

A ANÁLISE DA ENUNCIAÇÃO: ENTRE A SINTAXE E A SEMÂNTICA DO DISCURSO

Para Bertrand (2003), a semiótica fez, em seu início, a abstração do sujeito enunciador para poder focalizar a organização interna dos dispositivos significantes. Foi essa concepção que, segundo o autor, deixou pouco espaço para a enunciação. De todo modo, mesmo que inicialmente a semiótica se voltasse ao enunciado, em *Sobre o sentido: ensaios semióticos* (1975) – para o desenvolvimento de uma semiótica do mundo natural –, Greimas destaca que essa questão poderia ser analisada a partir de um conjunto de operações de transcodificação se fosse identificada a existência de um destinador-codificador (sujeito destinador) e de um destinatário-decodificador (sujeito destinatário). Conforme o autor, o ato de introduzir o sujeito na investigação dos processos significantes poderia explicar as diferentes formas de significação.

A partir desse entendimento, podemos observar que, mesmo tratando-se de algumas afirmações preliminares sobre o conceito de enunciação, há um indício da distinção que resultaria nos dois tipos de enunciação: a enunciada (eu/aqui/agora) e a enunciva (ele/alhures/então). Na obra *Semiótica e ciências sociais* (1981), ao tratar sobre o sujeito discursivo e suas performances, Greimas pontua que o sujeito da enunciação exerce um fazer persuasivo, compreendido como um tipo de contrato enunciativo determinado entre os dois participantes do discurso: “esse contrato enunciativo pressuposto, na medida em que é aceito pelo destinatário e mantido pelo destinador, garante as condições satisfatórias

da transmissibilidade do discurso” (Greimas, 1981, p. 17). A partir dessas colocações, o autor considera dois actantes que corresponderão aos sujeitos da enunciação, isto é, enunciador e enunciatário – sendo este o sujeito que sanciona o enunciado produzido pelo enunciador.

Ao analisar que a instância da enunciação utiliza as categorias de pessoa, tempo e espaço na construção do discurso, observamos, portanto, a debreagem actancial, temporal e espacial. Existem dois tipos distintos de debreagem: a enunciativa e a enunciva. Na primeira instância (enunciativa), incorporam-se ao enunciado os atuantes da enunciação *eu/tu*, o espaço do *aqui* e o tempo do *agora*. Em contrapartida, ao apagar o “eu” no enunciado, ocorre o segundo tipo de debreagem (enunciva), que destaca o *ele*, o espaço do *alhures* e o tempo do *então*. Considerando que a debreagem é compreendida como um procedimento que introduz as categorias actanciais, temporais e espaciais no enunciado, a embreagem, por sua vez, gera um efeito contrário, ou seja, um aparente retorno dessas categorias à instância da enunciação.

A utilização dos referidos procedimentos contribui para o desenvolvimento dos mais diferentes efeitos de sentido no texto, uma vez que as marcas da enunciação no enunciado – bem como o emprego de palavras de teor subjetivo, expressando apreciações, julgamentos e traços afetivos que assinalam a presença do enunciador no texto – são condicionadas por uma intencionalidade subjacente, revelando sempre uma busca pela adesão ao que foi dito e aos valores comunicados. Esses elementos fazem parte das relações sintáticas engendradas pelos sujeitos da enunciação. No entanto, para além de uma coerência sintática dos elementos do discurso, há também uma coerência semântica, possível pelo revestimento dos valores do nível narrativo em temas (disseminados em percursos temáticos) e o seu recobrimento por figuras (disseminadas em percursos figurativos). É nesse momento que as escolhas do enunciador e sua maneira própria de tratar um determinado tema são explicitadas.

Toda essa reflexão sobre a enunciação dentro da sintaxe e da semântica do nível discursivo fez-se necessária para darmos seguimento à nossa investigação, uma vez que o tratamento analítico do *ethos* está, como mostramos, estreitamente ligado à instância da enunciação. A partir desse referencial, a próxima seção será dedicada à análise das peças desinformativas selecionadas, investigando como o *ethos* é construído nesses textos e como sua eficácia persuasiva se manifesta na relação identitária entre enunciador e enunciatário.

A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* EM TEXTOS DESINFORMATIVOS

Segundo Barros (2007), o *ethos* pode ser retomado a partir do exame de alguns procedimentos e estratégias discursivas que levam à sua construção. Tendo em vista a noção de *ethos* defendida, reforçamos que não se trata de apontar um autor de carne e osso, mas um ator discursivo, construído em cada discurso e no conjunto deles, e pelo diálogo com outros discursos sociais.

Dessa forma, levaremos em consideração para a análise: (1) o exame das categorias de pessoa, de tempo e de espaço, para o estabelecimento das relações de aproximação e distanciamento entre enunciador e o enunciatário do discurso; e (2) o exame dos temas e figuras, para a construção de boa parte do quadro de valores em que esses discursos se inserem e de sua determinação sócio-histórica.

O sujeito da enunciação faz uma série de escolhas para projetar o discurso, elegendo os efeitos de sentido que deseja produzir. No que se refere aos efeitos de sentido ligados à ordem da sintaxe do discurso, dois tipos de mecanismos podem ser produzidos para convencerem de sua verdade: os efeitos de proximidade e de distanciamento. Na peça desinformativa que segue, conseguimos notar que existe um recurso à terceira pessoa que visa um plano de objetividade no discurso:

- (1) Papa Leão XIV é crítico severo da comunidade LGBT e da transexualidade: “A transexualidade é uma doença que deve ser diagnosticada e necessita tratamento” (Aos Fatos, 2024).

No trecho, podemos identificar um efeito de sentido denominado por Greimas (2014, p. 123) como “camuflagem objetivante”, em que se finge um distanciamento da enunciação como procedimento discursivo que busca apresentar a realidade “assim como ela é”. Tal efeito de objetividade ancora-se em uma debreagem actancial enunciva, camuflando o sujeito da enunciação: “[O] Papa Leão XIV é...”. Além disso, tem-se uma debreagem interna enunciva: “A transexualidade é...”. Essa “debreagem em segundo grau” (Fiorin, 2016, p. 40) cria o efeito de objetividade que não abre espaço para dúvidas, pois o que nos é apresentado é um dado da “realidade”, “nua” e “crua”.

No exame do campo semântico do discurso, essa organização sintáxica de objetividade ganha ainda mais força de persuasão. Destaca-se, então, a figura

de um papa, enquanto fonte da informação/opinião dada, máxima autoridade no contexto cristão católico e de influência mundial. O sujeito da enunciação, assim, coloca em cena um destinador da informação que, para seus destinatários, enuncia “verdades” praticamente indiscutíveis. Ainda no exame dessas figuras semânticas, nota-se uma isotopia patológica dada à transexualidade com figuras como “doença”, diagnosticável (“diagnosticada”) e, de certo modo, curável, uma vez que pressupõe “tratamento”. Essa escolha lexical, que se apropria de um discurso médico ultrapassado, cria uma falsa sensação de neutralidade, tornando a informação mais persuasiva e difícil de ser questionada.

Para nós, toda essa organização sintáctica que mira uma objetividade do destinador, de maneira analítica, apenas “camufla” uma construção que visa aproximar enunciador e enunciatório. Como nos explica Fiorin (1998), a enunciação enunciada não deve ser entendida meramente como a construção de um simulacro da enunciação no enunciado, mas sim como o conjunto de marcas que remetem à instância da enunciação (por exemplo, adjetivos e advérbios avaliativos). É nesse ponto que destacamos as associações à transexualidade: “doença”, “necessita tratamento”. Adjetivos que dialogam polemicamente com outros discursos relacionados à comunidade LGBTQIAPN+. A proeminência desses adjetivos deixa escapar um conjunto de valores homofóbicos que formam o *ethos* do sujeito da enunciação, já que esse *ethos* não se constitui no enunciado, mas na enunciação a partir de um modo recorrente de dizer, como veremos nas peças desinformativas seguintes:

(2) “LEI QUE PROÍBE CASAMENTO GAY NO BRASIL FOI APROVADO. E OS BOIOLINHAS FICARAM COM RAIWA” (Aos Fatos, 2024).

No caso do texto (2), mais uma vez, nota-se uma organização da sintaxe do discurso que visa efeitos de sentido de objetividade. Aqui, como nos explica Barros *et al.* (2025), em uma tipologia dos gêneros objetivantes, imita-se o estilo enunciativo típico dos gêneros da esfera do discurso informativo, por meio do apagamento das marcas da enunciação no enunciado utilizando a terceira pessoa: “LEI ... FOI APROVADO”, “... BOIOLINHAS FICARAM COM RAIVA”. Apesar de exibir um indício gramatical que “desmontaria” sua inveracidade (o verbo aprovar precisa concordar com o substantivo lei, que é um substantivo feminino), o texto lança mão do discurso impessoal para expor um fato constatado: a lei foi proibida e os atingidos por essa proibição ficaram com raiva.

Diante desse exposto, o que queremos destacar é que essa organização sintáxica é recoberta por uma organização semântica que determina alguns valores. Para tal, é importante notarmos que existe a figura de uma “lei”, algo feito para regular a conduta dos cidadãos. Se uma lei proíbe X, logo, ela estabelece o comportamento esperado na sociedade em relação a X. É essa figura de ordem que disforiza a figura do “CASAMENTO GAY”. Nota-se, desse modo, o casamento homoafetivo como um valor disforizado pelo sujeito da enunciação, o que fica mais evidente com a depreciação (“BOIOLINHAS”), à comunidade LGBTQIAPN+.

Como destacamos anteriormente, a enunciação enunciada diz respeito ao conjunto de marcas que remetem à instância da enunciação. A expressão “BOIOLINHAS... COM RAIWA” não apenas usa termos pejorativos, mas também dialoga de forma polêmica com discursos que pregam respeito à diversidade. A escolha desses adjetivos, portanto, reforça a construção de um *ethos* homofóbico e intolerante do enunciador, confirmando o conjunto de valores do qual ele e os seus enunciatários previstos são contrários.

Esse *ethos* – que pretendemos delimitar melhor ao final do trabalho – constrói sua forma, de maneira a objetivar sintaticamente a informação, mas revelando seu quadro de valores a partir da proeminência das figuras (adjetivos) escolhidas e empregadas. Com base nisso, analisemos as peças desinformativas seguintes:

- (3) Mídia: O piloto de helicóptero militar black hawk que colidiu com um avião de passageiros em Washington era um transgênero anti-trumpista (Aos Fatos, 2024).
- (4) O avião que caiu em Toronto era um voo da Delta operado pela Endeavor Air, uma pequena companhia aérea obcecada por voos “sem homens” tripulação exclusivamente feminina (Aos Fatos, 2024).
- (5) Seria por acaso que esse avião sofreu esse acidente? A empresa tem implementado pesadas políticas DEI / Inclusive decidido operar totalmente “um-man-ed”/ Ou seja, por lacração esquerdistas, só há MULHERES na tripulação/ COMPETÊNCIA não é o mais importante/ Para esses imbecis (Aos Fatos, 2024).

Vê-se, nas referidas peças desinformativas, o uso predominante da terceira pessoa, recurso que, conforme já mencionado, visa a uma objetividade à informação enquanto um “dado”. Nota-se também debreagens actanciais enunciadas em: “O piloto... que colidiu... era um transgênero...”, “O avião que caiu... era um voo da Delta...”, “A empresa tem implementado...”. Desse modo,

apagam-se as marcas da enunciação no enunciado, mas, como temos procurando defender, essa organização sintáxica de objetividade é recoberta semanticamente com um certo nível de subjetividade, que dá pistas sobre o *ethos* do sujeito da enunciação.

Uma análise das figuras colocadas no texto (3), por exemplo, mostra a disforia ao “transgênero anti-trumpista”, já que essa figura foi a responsável direta pelo acidente. No texto (4), a pista sobre os valores do *ethos* é dada principalmente pelos adjetivos colocados em texto: o avião que caiu era de “uma pequena companhia”. Além disso, percebe-se a disforia a uma agenda política de inclusão, uma vez que a companhia seria “obcecada por voos ‘sem homens’”. A proeminência dos termos utilizados permite compreender a que tipo de discurso ou identidade o *ethos* do sujeito da enunciação parece se aproximar. Essa impressão é fortalecida quando analisamos a peça desinformativa (5), na qual se apresenta uma forte dimensão reflexiva e subjetiva, em frases como “Seria por acaso que esse avião sofreu esse acidente?”, além do uso de termos pejorativos, como “Para esses imbencis”, “lacração esquerdistas”.

Essas marcas indicam que, mesmo usando a terceira pessoa para descrever eventos, o enunciador está construindo uma imagem-fim (o *ethos*) de alguém que discorda, critica e julga os determinados eventos. O que nos chama a atenção, nesses casos, é o fato de essa imagem-fim se construir a partir de um *ethos* que dialoga polemicamente com outros discursos; em sua maioria, discursos que defendem as minorias sociais. Como vimos, o sujeito da enunciação das peças desinformativas analisadas dá forma a seus *ethos* a partir de uma forte intolerância à diversidade. Nesse sentido, a disforia, a negação e o peso do errado recaem sempre na “transexualidade”, no “transgênero”, nos “boolinhas”, na “lacração esquerdistas” e “no anti-trumpismo”. Se tomarmos esse conjunto de textos, veremos, então, um *ethos* que, para reforçar a sua imagem-fim, nega a alteridade disforizada por ele em seu discurso.

A IDENTIDADE NA EXCLUSÃO À ALTERIDADE

É nesse jogo entre identidade e alteridade que um *ethos* intolerante, preconceituoso e homofóbico ganha força, já que é nessa relação dialógica entre o “eu” e o “outro” que o ator da enunciação constrói sua imagem. Com base em Landowski (2002), que estabeleceu uma tipologia de interação entre

identidade e alteridade no nível narrativo, podemos pensar de que maneira a identidade que forjou o *ethos* do sujeito da enunciação das peças desinformativas analisadas se constrói.

Em seu livro *Presenças do outro* (2002), Eric Landowski nos apresenta uma organização esquemática das práticas semióticas da constituição da identidade e da alteridade. Essa dinâmica tem o mérito de apresentar, em um quadrado semiótico, os quatro processos por meio dos quais uma identidade se forja no contato com os valores e com a(s) alteridade(s) que a atravessam. O autor pensa a dinâmica identitária como um estado instável que envolve a tensão entre quatro configurações: a assimilação (conjuntiva); a exclusão (disjuntiva); a admissão (não disjuntiva); e a segregação (não conjuntiva). É na correlação entre essas posições que a dinâmica da identidade se tece.

Queremos crer que a interação entre identidade e alteridade nos textos analisados operam, sobretudo, em um regime de exclusão (disjunção). Nesse regime, procede-se com uma disjunção identitária, ou seja, não se almeja qualquer tipo de proximidade com o “outro”. Como nos explica Saraiva (2011), no esquema proposto por Landowski (2002), a formação da identidade é um estado de tensão e instabilidade que resulta da interação entre quatro referidas configurações:

Na base desta estrutura está a tensão entre a conjunção e a disjunção, ou, em termos hjelmslevianos, a tensão entre a relação “e...e” e a relação “ou...ou”, de que Fontanille e Zilberberg (2001), por exemplo, aproximam as correlações que se estabelecem entre os gradientes da intensidade e da extensidade, na constituição do valor (Saraiva, 2011, p. 9).

No caso, Fontanille e Zilberberg (2001) identificam dois tipos de correlação entre essas duas forças: a conversa, quando intensidade e extensidade aumentam ou diminuem juntas, e a inversa, quando uma aumenta e a outra diminui. Para Saraiva (2011), essas duas correlações criam um espaço em que a intensidade e a extensidade coexistem, permitindo que dois princípios fundamentais da antropologia se manifestem: o princípio da exclusão (ligado à disjunção) e o princípio da participação (ligado à conjunção).

Dessa forma, o operador triagem (disjuntivo) exclui participantes, cujo processo, se levado ao limite, resulta na “confrontação contensiva do exclusivo e do excluído e, para as culturas e as semióticas que são dirigidas por esse regime, à confrontação do ‘puro’ e do ‘impuro’” (Landowski, 2002, p. 29). É nessa perspectiva que defendemos que o *ethos* construído pelo sujeito da enunciação

das peças desinformativas analisadas constrói sua identidade a partir de um regime de interação que leva em consideração a “exclusão” da alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs descrever, a partir da metodologia desenvolvida pela semiótica para o tratamento imanente da enunciação, como o *ethos* do enunciador é construído em textos de desinformação e de que modo essa construção é subordinada à intencionalidade discursiva de promover a adesão do enunciatário aos valores comunicados. A análise dos cinco textos verificados pela agência “Aos Fatos” confirmou a tese de que o projeto de persuasão dos textos analisados não se sustenta somente na falsidade das informações, mas, sobretudo, na manipulação discursiva operada na esfera da enunciação por meio da identificação do enunciatário com o *ethos* construído pelo enunciador. Portanto, a construção do *ethos* em textos desinformativos tornou-se o objeto deste trabalho.

Para observar esse fenômeno, descrevemos as articulações sintáticas e semânticas do nível discursivo do percurso gerativo. A saber, como o sujeito da enunciação simula discursivamente sua presença no enunciado; e os modos como os temas e figuras se encadeiam no corpo do enunciado, manifestando valores que são assumidos pelo enunciador.

No que diz respeito à sintaxe do nível discursivo, a análise apontou para uma reiterada estratégia: o uso da camuflagem objetivante (Greimas, 2014) que se ancora em uma debreagem actancial enunciativa, apagando as projeções do sujeito da enunciação nos enunciados em questão. Avaliamos, na esteira de Barros *et al.* (2025), que a maneira como o enunciador articula a sintaxe discursiva é coerente com a estratégia de imitar o estilo enunciativo típico da esfera do discurso informativo com vistas a criar o efeito de sentido da objetividade e, com isso, creditar os fatos apresentados com valores de verdade.

Em contrapartida, a análise da semântica discursiva dos textos aponta para uma forte filiação do enunciador aos valores eufóricos do texto. Identificamos duas recorrências nos textos que explicitam essas marcas: uma delas é a manifestação figurativa do antagonista do texto que é feita por meio de figuras oriundas do universo figurativo que denominamos “minorias”, a outra é a maneira como esses antagonistas são predicados figurativamente, com adjetivações e outros recursos como diminutivo com valor pejorativo.

A interação da sintaxe e semântica discursiva nos textos analisados resulta em uma aparente contradição: por um lado, o enunciador apaga as marcas de sua presença mobilizando recursos sintáticos que apresentam os fatos como um dado da realidade e não como uma opinião. Por outro, impregna o enunciado de subjetividade revelada na escolha das figuras e predicações que manifestam os antagonistas dos textos (“boiolinhas”, “transexualidade é doença”, “lacração esquerdista”), que são atores do universo figurativo denominado por nós como “minorias”. É nesse ponto que o *ethos* do enunciador é relevante para a persuasão, visto que não apenas comunica uma ideia, mas encarna uma postura moral e ideológica com a qual se identifica o enunciatário, possibilitando, assim, seu engajamento fiduciário no texto.

Por fim, com o intuito de entendermos que tipo de *ethos* emerge do enunciador desses textos e, em contrapartida, que tipo de enunciatário é configurado ao se identificar com esse *ethos*, consoante a Bueno (2017), articulamos as contribuições teóricas de Landowski (2002) e da semiótica tensiva cujo principal expoente é Zilberberg. A partir do jogo entre identidade e alteridade apreensível por meio do esquema fundamental apresentado (Landowski, 2002), propomos que o *ethos* do enunciador nos textos analisados se forja em um regime de exclusão pelo qual há uma triagem dos valores em cena e a respectiva disforização daqueles que se manifestam em figuras que representam a alteridade. Sendo assim, entendemos que o *ethos* do enunciador das peças de desinformação analisadas é construído com base em um modo de interação que se fundamenta na “exclusão do outro” (Bueno, 2015, p. 61). O tipo de *ethos* que surge daí e com o qual o enunciatário se identifica é de um sujeito excludente, averso à alteridade.

A exclusão é um processo que opera rejeitandoativamente o que é diferente. Nos textos, sua lógica é a eliminação do “outro” para garantir que o equilíbrio e a identidade do grupo ao qual o *ethos* se filia não sejam ameaçados. Queremos crer que esse *ethos*, sendo uma construção discursiva, aponta para uma intencionalidade discursiva que visa configurar enunciatários intolerantes e excludentes.

Em uma perspectiva política, podemos argumentar que a exclusão, especificamente, atua como uma barreira direta, pois impede a entrada de elementos que possam perturbar a homogeneidade interna de uma determinada identidade. Nesse contexto, o *ethos* do enunciador das peças de desinformação não busca apenas proteger seu grupo e seus valores; ele está intrinsecamente ligado a essa intencionalidade discursiva de exclusão. A lógica textual não é

simplesmente a de salvaguardar o “mesmo”, mas sim a de operar uma exclusão à diversidade e, por consequência, a grupos minoritários como a comunidade LGBTQIAPN+. A rejeição do “outro” se torna, então, uma estratégia discursiva que merece especial atenção pelo desserviço que pode promover em uma sociedade democrática a qual, como tal, deve pautar-se pela inclusão e diversidade.

Between identity effects and values of exclusion: the construction of *ethos* in disinformation texts

Abstract

This paper aims to describe, from the perspective of discursive semiotics, how the enunciator's *ethos* (Fiorin, 2004, 2008; Discini, 2003) is constructed in disinformation texts and how this construction is subordinated to the discursive intentionality (Greimas; Courtés, 2016) that aims to promote the enunciatee's adherence to the communicated values. Five pieces of disinformation verified by the agency “Aos Fatos” will be analyzed. From this investigation, the study argues that the persuasion project of the analyzed texts is not sustained only by the falsity of the information but, above all, by the discursive manipulation operated in the sphere of enunciation through the enunciatee's identification with the exclusive *ethos* constructed by the enunciator.

Keywords

Semiotics. Disinformation. *Ethos*.

REFERÊNCIAS

- AOS FATOS. Falso que Congresso aprovou lei que proíbe casamento homoafetivo. [S. l.], 27 jun. 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Gjii4>. Acesso em: 1º jul. 2025.
- AOS FATOS. Falso que Papa Leão XIV afirmou que “transexualidade é doença”. [S. l.], 23 ago. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/BrmxM>. Acesso em: 1º jul. 2025.
- AOS FATOS. Piloto de helicóptero que colidiu com avião não era trans. [S. l.], 14 jul. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/AeoUV>. Acesso em: 1º jul. 2025.
- AOS FATOS. Acidente aéreo no Canadá não tem relação com política de igualdade. [S. l.], 14 jul. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/TNLVw>. Acesso em: 1º jul. 2025.

ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Paris: Librairie Générale Française, 1991.

BARROS, D. L. P. de. A identidade intolerante no discurso separatista. *Filologia e Linguística Portuguesa*, [s. l.], n. 9, p. 147-167, 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/flp/article/view/59777>. Acesso em: 25 maio 2025.

BARROS, D. L. P. de; DEMURU, P.; GOMES, R. S.; MANCINI, R. *A construção da verdade*. São Paulo: Contexto, 2025.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: Edusc, 2003.

BUENO, A. M. Para uma gramática da intolerância. *Entremeios: Revista de Estudos do Discurso*, v. 10, p. 57-68, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://constelaciones-rtc.net/article/view/855>. Acesso em: 1º jun. 2025.

DEMURU, P. *Políticas do encanto: extrema direita e fantasias da conspiração*. São Paulo: Elefante, 2024.

DISCINI, N. *O estilo nos textos: histórias em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, J. L. As figuras de pensamento: estratégia do enunciador para persuadir o enunciatário. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 32, p. 53-67, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3798>. Acesso em: 20 maio 2025.

FIORIN, J. L. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, J. L. O ethos do enunciador. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. (org.). *Razões e sensibilidade: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial/ FCL/ Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004. p. 117-138.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas; FFLCH; USP, 2001.

GOMES, W. da S.; DOURADO, T. *Fake news*, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 16, n. 2, p. 33-45, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337325475_Fake_news_um_fenomeno_de_comunicacao_politica_entre_jornalismo_politica_e_democracia. Acesso em: 1º jun. 2025.

GREIMAS, A. J. *Semiótica e ciências sociais*. São Paulo: Cultrix, 1981.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2016.

LANDOWSKI, E. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MACHADO, D. de S. *Ethos e identidade no discurso religioso fundador: uma abordagem semiótica do corpus paulinum*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

SARAIVA, J. A. B. Sujeito do discurso, crise de identidade e poéticas contemporâneas. CASA: *Cadernos de Semiótica Aplicada*, Araraquara, v. 9, n. 2, p. 1-21, dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/4715>. Acesso em: 1º jun. 2025.